

A PERSPECTIVA FILOSÓFICA DE ENRIQUE DUSSEL: De uma filosofia da libertação a um pensamento crítico à ideologia da exclusão

A PHILOSOPHICAL PERSPECTIVE ENRIQUE DUSSEL: from a Philosophy of the liberation to a critical thought and ideology of exclusion

JOSÉ CAVALCANTE LACERDA JUNIOR

psi.josecavalcante@gmail.com / Colégio Dom Bosco-CDB / Manaus-Brasil

Resumo

Mesmo com tantos avanços científicos e tecnológicos, a vida de cada ser humano parece despontar no terceiro milênio como mero objeto descartável. Percebe-se um vergonhoso abismo entre pobres e ricos, entre incluídos e excluídos. Nessa conjuntura, o pensamento filosófico de Enrique Dussel convoca uma práxis crítica e libertadora, ao mesmo tempo, que produz uma crítica à ideologia da exclusão. Com efeito, o referido artigo objetiva compreender a filosofia latino-americana de Enrique Dussel tendo sua crítica à ideologia da exclusão como parâmetro norteador do mesmo. Desta feita, buscou-se organizar a temática em três pontos: Por uma Filosofia da Libertação; Tópicos do pensamento Filosófico de Dussel, e, a América Latina e uma crítica à ideologia da exclusão.

Palavras-chaves

Filosofia da Libertação. América Latina. Ideologia da Exclusão.

Abstract

Even with many scientific and technological advances, the life of every human being seems to emerge in the third millennium as a mere disposable object. Perceives a shameful gap between rich and poor, between the included and excluded. At this juncture, the philosophy of Enrique Dussel calls a critical and liberating praxis, while producing a critique of the ideology of exclusion. Indeed, the article aims to understand the philosophy of Latin America by Enrique Dussel taking his criticism of the ideology of exclusion as a parameter guiding the same. This time, we tried to organize into three thematic sections: For a Philosophy of Liberation, Philosophical Topics of thought Dussel, and Latin America and a critique of the ideology of exclusion.

Key words

Philosophy of Liberation. Latin America. Ideology of Exclusion.

Forma sugerida de citar: CAVALCANTE, José. 2012. "A perspectiva filosófica de Enrique Dussel". En: *Revista Sophia: Colección de Filosofía de la Educación*. N° 12. Quito: Editorial Universitaria Abya-Yala, pp. 207-218.

* Graduando em Filosofia pela Faculdade Salesiana Dom Bosco – FSDB. Professor do Colégio Dom Bosco – CDB, Manaus/AM e do Programa de Formação do Magistério Indígena - PROIND da Universidade do Estado do Amazonas - UEA.

Introdução

Em pleno século XXI, vive-se numa sociedade que preza o consumismo, idolatra o cientificismo e transforma o ser humano, em simples “coisa” ou “objeto”. Em nossa sociedade moderna ou “pós-moderna”, encontra-se uma forte tendência em banalizar a vida de cada um. Ela é tratada como algo “descartável”, que pode ser excluída.

O sentido da vida e de viver se tornam secundários frente a busca pelo lucro e o “status”. O “Leviatã”, imagem bíblica que representa uma grande fera que aterroriza e aniquila a vida humana, concretiza-se na onda neoliberal que abocanha e devora a vida humana, espoliando os “não-aptos” ao sistema de produção capitalista e transforma em ídolos uma elite “benévola” que se ostenta no ato hipócrita de ajudar milhares de famintos que se degladiam pela sobrevivência, através de eventos, organizações e planos ditos solidários.

Imerso nessa conjuntura, como pensar filosoficamente nossa realidade circunscrita, de forma mais específica, como pensar de forma latino-americana a realidade? Ou ainda, como a filosofia compreende a dinâmica latino-americana? Para enveredar em tais questionamentos, faz-se lúcido lembrar que a referida temática fundamenta sua reflexão tendo por base o pensamento de Enrique Dussel, que teoriza uma filosofia distinta da epistemologia europeia centrada numa reflexão ontológica, mas privilegia uma atenção ao aspecto antropológico.

Neste sentido, o referido artigo objetiva compreender a filosofia latino-americana de Enrique Dussel acerca de nossa própria realidade, destacando algumas discussões que gravitam em torno de sua compreensão do que seja filosofar. Para tanto, destaca-se, ainda, que tal concepção de filosofia organiza-se enquanto uma dinâmica de libertação.

Assim, o presente artigo está organizado em três tópicos. No primeiro momento, destacar-se-á a fundamentação teórica de uma Filosofia da Libertação. No segundo ponto, versará sobre alguns pontos reflexivos da filosofia de Enrique Dussel, destacando seu pensamento e sua crítica acerca do filosofar. Por fim, no último ponto, pensar filosoficamente a realidade latino-americana tendo a compreensão dusseliana, a qual revela a necessidade de incluir as ações e reflexões daqueles que historicamente estão excluídos.

Por uma Filosofia da Libertação

Preliminarmente, nota-se que embora muito tenha se discutido acerca da legitimidade de uma Filosofia Latino-americana é notório perceber, ainda hoje, uma expressiva discussão acerca do fazer filosófico

realizado aqui, realidade latino-americana. Para alguns teóricos como Bornheim (1980) é impossível querer tecer uma filosofia que leve em consideração às singularidades regionais, uma vez que filosofar, necessariamente, reveste-se o aspecto da universalidade.

Essa condição dimensiona a reflexão filosófica a partir da transregionalidade, logo, a produção de uma filosofia que leve em consideração a peculiaridade local esbarra em si numa dificuldade de validar sua universalidade.

Sofiste (2005) recorda, no entanto, que são

... altamente pertinentes as observações do professor Gerd Bornheim e totalmente justificáveis a partir do ponto de vista de sua abordagem, no caso a da “leitura oficial”, ou seja, a filosofia é um quefazer universal não especificável com assuntos regionais. O mais interessante e significativo de tal conceituação é o fato de que a mesma seja uma elaboração deles, isto é, dos europeus. Radicalizando tal perspectiva, o que nos parece ser levado muito a sério nessa parte do planeta, é que para fazer filosofia temos que pedir licença, em um primeiro momento, e depois submeter tal filosofia às credenciais da “leitura oficial” para saber se tal “filosofia” é de fato filosofia. Ou, ainda, numa perspectiva mais simples, que nos parece também ser levada muito a sério nessa parte do planeta, nos contentar apenas em estudar e de nos especializar em um filósofo europeu. Não é isso que os estudantes de filosofia aprendem em seus cursos de graduação e não é essa a exigência e critério fundamental para os cursos de pós-graduação? (2005: 03).

Revestido desse caráter a filosofia seria um fazer que brota a partir do caráter europeu, daí dizer que é uma filosofia NA América Latina. É uma leitura do entendimento europeu de compreender o exercício filosófico. É a prevalência da dimensão ontológica sobre a antropológica. Radicalizando, é a manutenção teórica e ideológica do colonizador sobre o colonizado.

Nota-se, no entanto, em que se tratando da América Latina para muito pensadores, como Enrique Dussel, Leopoldo Zea e Leonardo Boff, dizer que há uma Filosofia Latino-americana tenciona um fazer filosófico não apenas moldado pelo pensar eurocêntrico, mas um fazer filosófico que reivindica para si um fazer consciente e crítico, que possui método e epistemologia própria.

Dessa forma, partindo da concepção de tais teóricos afirma-se que há uma Filosofia DA América Latina. Uma filosofia específica, forjada na singularidade latino-americana de conceber e vivenciar a história, a vida. É uma filosofia que brota do olhar do colonizado, daquele que historicamente foi oprimido e excluído. Organiza-se a partir do lado que

foi negado. É uma filosofia que constringe o discurso da ordem, sendo, portanto, libertadora.

Constitui-se, desta forma, como uma Filosofia da Libertação, a qual busca mostrar a possibilidade do diálogo mediante a afirmação da diferença e da alteridade numa perspectiva do diferente. Daquele que ficou a margem das construções ideológicas sociais.

O fazer filosófico é uma práxis que vai além da construção de um sistema filosófico. Ser filósofo é engajar-se no desvelamento dos mecanismos sociais, através dos quais se produzem as legitimações ou invalidações das práticas cotidianas, que, como tais, favorecem ou mutilam o pensar autônomo e consciente.

A Filosofia da Libertação é uma forma de fazer filosofia construída e evidenciada na América Latina nos anos de 1960 e 70, como contraponto ao discurso ontológico eurocêntrico e correlato a Teologia e Pedagogia da Libertação.

Neste período, a população latino-americana é marcada pela pobreza, exclusão, marginalização e grande porcentagem de analfabetos. Uma profunda ideologia de submissão estava instaurada. Partindo destas condições, filósofos como Dussel, trilham pela construção de uma nova concepção filosófica, onde a libertação substituiria a exclusão e a dominação.

É com essa perspectiva que Enrique Dussel organiza seu filosofar. Nascido na Argentina em 1934, estuda filosofia em seu país e nos anos de 1959 a 1961 vive como carpinteiro em Israel. Continua seus estudos na Europa até conseguir o título de doutor na França em 1965. Regressa a Argentina para trabalhar, 1968, na Universidade Nacional de Cuyo, mas passa a ser hostilizado pela ditadura reinante nesse país, que vê em sua obra ligações com o marxismo. Nas palavras de Dussel

la situación política desmejoraba a finales de la década del sesenta. Los alumnos exigían a los profesores mayor claridad política. La dictadura del general Onganía en Argentina tenía cada vez mayor oposición entre los grupos populares (2011: 20).

Nesse ínterim há o encontro com a obra de Emmanuel Lévinas que lhe desperta do modo ontológico de pensar o mundo. Lévinas parte da ideia de que é no contato face a face que se irrompe o sentido da vida. Para tanto, utiliza em seu exercício filosófico categorias como outro, infinito, totalidade e exterioridade, só para exemplificar alguns. Com base nessas categorias, Dussel procura construir seu itinerário filosófico.

No entanto, não se prende ao pensamento levinasiano, pois, o considera um equívoco quando se refere ao entendimento do outro.

Lévinas fala sempre do outro como o ‘absolutamente outro’. Tende, então, para o equívoco. Por outro lado, nunca pensou que o outro pudesse ser um índio, um africano, um asiático. O outro para nós, é a América Latina em relação a totalidade européia; é o povo oprimido da América Latina em relação as oligarquias dominadoras e, contudo, dependentes (1986: 196).

Desta feita, o outro se configura como necessidade fundamental que reivindica dignidade mediante a concretude de uma vida negada. A Filosofia da Libertação, nesse sentido, expressa o desejo e a luta por viver a partir do re-conhecimento da dignidade da vítima como o outro pleno que o ideário dominador visa negar e excluir.

Tópicos do pensamento filosófico de Dussel

Dussel, ao iniciar o seu processo filosófico, nota que há novos elementos que possibilitam uma autêntica e verdadeira identidade latino-americana. Uma outra concepção de outro que em si é totalizante. Não mais aquela baseada na relação opressor-oprimido instituída pela Europa junto a América Latina desde a colonização. Segundo Oliveira (2011) Dussel procura

[...] oferecer os instrumentos reflexivos para a construção da crítica às cadeias que há séculos dominam os latinoamericanos, travestidas de belas ciências, filosofias profundas e tecnologias avançadas. Será a denúncia do caráter fetichista e fetichizante dessas sabedorias elaboradas em outros contextos e a serviço dos projetos de violência colonial e opressora, perante as quais a maioria dos latinoamericanos é considerada ignorante (s/p).

A expressão daquele que outrora esta fora do centro reflexivo possui uma condição que necessita ser levada em consideração. Relembrando o seu fazer, Dussel afirma que

a experiência inicial da Filosofia da Libertação consiste em descobrir o ‘fato’ opressivo da dominação, em que sujeitos se constituem ‘senhores’ de outros sujeitos, no plano mundial. (desde o início da expansão européia em 1492; fato constitutivo que deu origem à ‘Modernidade’), Centro-Periferia; no plano nacional (elite-massas, burguesia nacional-classe operária e povo); no plano erótico (homem-mulher); no plano pedagógico (cultura imperial, elitista, versus cultura periférica, popular etc.); no plano religioso (o fetichismo em todos os níveis) etc... Esta ‘experiência’ inicial vivenciada por todo latino americano [...] – se expressaria melhor dentro da categoria ‘Autrui’ (outra pessoa tratada como outro), como pauper (pobre). O pobre, o dominado, o índio

massacrado, o negro escravo, o asiático das guerras do ópio, o judeu dos campos de concentração, a mulher objeto sexual, a criança sujeita a manipulações ideológicas (também a juventude, a cultura popular e o mercado subjugados pela publicidade) não conseguirão tomar como ponto de partida, pura e simplesmente, a ‘estima em si mesma’. O oprimido, o torturado, o que vê ser destruída a sua carne sofredora, todos eles simplesmente gritam, clamando por justiça: - Tenho fome! Não me mates! Tem compaixão de mim! – é o que exclamam esses infelizes (1995: 18-19).

É a consciência do sujeito que se desvela com um olhar de reconhecimento. O olhar consciente sobre o mundo amplia o meu “olhar” diante da existência e suas singularidades humanas, considerando os aspectos que envolve as circunstâncias que fomentam “minha” ação. Considera-se, então, tratar a vida em uma dinâmica de interação que possibilita reconhecer a si como sujeito autônomo da existência.

Nesta perspectiva, a perspectiva filosófica é um processo que possibilita uma nova leitura da realidade, onde surge uma nova práxis fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia da pessoa. Essa autonomia possibilita ao sujeito constatar, reconstruir e transformar as ideologias massificantes e vigentes.

Segundo Dussel

a única maneira de levar o oprimido a tomar consciência da opressão que pesa sobre todas as estruturas de sua existência é que descubra, previamente a dialética da dominação concretamente, em todo e em cada momento de seu ser (1977: 191).

Com efeito, a reflexão dusseliana se aporta no âmbito da dialética, não para se apropriar e tomá-la como método indiscutível, mas para pensá-la, repensá-la e instalar uma nova compreensão do que a mesma seja. Recorrendo a Aristóteles, passando por Hegel, Marx e Heidegger, Dussel compreende que o “âmbito próprio da dialética é o ontológico; isto é, a passagem de um horizonte de entes a outro até seu fundamento” (Idem: 162).

Nesse sentido, o pensar crítico e reflexivo de Dussel busca romper o modo dialético de compreender o outro totalizante que historicamente foi situado como modelo universal. A dialética Hegeliana, Heideggeriana e a Levinasiana concebe o outro como redução de uma totalidade metafísica que é exterior por si própria.

Dussel pretende edificar uma percepção da alteridade que impossibilite reduzir o outro a totalidade. Para tanto, transpõe a dialética (falsa) enquanto método e intenta-se pela analética.

O método do qual queremos falar, o *ana-lético*, vai mais além, mais acima, vem de um nível mais alto (*aná -*) que o do mero método *dialético*. O método dialético é o caminho que a totalidade realiza em si mesma: dos entes ao fundamento e do fundamento aos entes. Trata-se agora de um método (ou do domínio explícito das condições de possibilidade) que parte do outro enquanto livre, como um além do sistema da totalidade; que parte, então, de sua palavra, da revelação do outro e que confiado em sua palavra atua, trabalha, serve, cria. O método dia-lético é a expansão dominadora da totalidade desde si; a passagem da potência para o ato de “o mesmo”. O método analético é a passagem do justo crescimento da totalidade desde o outro e para “servi-lo” criativamente. A passagem da totalidade a um novo momento de si mesma é sempre dia-lética; tinha, porém, razão Feuerbach ao dizer que ‘a verdade *dialética*’ (há, pois, uma *falsa*) parte do diálogo do outro e não do ‘pensador solitário consigo mesmo’. A verdadeira dialética tem um ponto de apoio ana-lético (é um movimento ana-dia-lético); enquanto a falsa, a dominadora e imoral dialética é simplesmente um movimento conquistador: *dialético* (1986: 196-197).



Verifica-se que a analética enquanto método é radical (de raiz, do latim). Sua base é o outro livre, não dominado, não oprimido, não violentado em seus direitos. A analética organiza-se a partir do diferente e não reconhece a legitimação do discurso dominador. Por fim, o outro não se reduz a um ente individualizado, mas pressupõe um fazer ante a coletividade, aquilo que se configura como comunidade.

A consciência analética crítica instaura uma condição crítico-reflexiva. Ou seja, como sujeito que se dá nas relações, constrói-se tendo a experiência como fundamento, onde a dinâmica a ser percorrida é a história. Sinaliza, ainda, um perceber a dinâmica excludente, que não leva em consideração o sujeito autóctone como aquele que atua e pode provocar modificações e não simplesmente como objeto. Eis o papel do filósofo.

O filósofo ou sujeito do pensar filosófico não é um “Eu absoluto” como pretendia Fichte, mas um sujeito finito, condicionado, relativamente determinado pelo mundo cotidiano ou pela práxis fundamental, articulado necessariamente a um sujeito histórico, a uma classe social, a um povo, a um sujeito de práticas fundantes (1977: 243).

A filosofia é uma prática de libertação, portanto. Por sua vez, ser filósofo é se comprometer com o resgate da vida dos oprimidos, que historicamente travaram lutas de resistência e libertação. Filosofar é buscar uma eticidade baseada na solidariedade e na escuta discipular do outro.

A filosofia latino-americana é o pensar que sabe escutar disciplinarmente a palavra analética, analógica do oprimido, que sabe comprometer-se com o movimento ou com a mobilização da libertação e, no próprio caminhar, vai pensando a palavra reveladora que interpela à justiça; isto é, vai acendendo à interpretação precisa de seu significado futuro. A filosofia, o filósofo, desenvolve ao outro sua própria revelação como renovada e re-criadora, crítica, interpretante. O pensar filosófico não aquieta a história ex-pressando-a pensativamente para que possa ser arquivada nos museus. O pensar filosófico, como pedagogia analética da libertação latino-americana, é um grito, um clamor, é a exortação do mestre que faz reincindir sobre o discípulo a objeção que antes havia recebido; agora, como revelação reduplicadamente pro-vocativa, criadora (1986: 211).

214



Nota-se, então, que o fazer filosófico de Dussel é um exercício consciente e crítico do sujeito pode haver uma emancipação dos homens, isto é, da condição de mero espectador do mundo, onde a submissão é uma característica, para agente ativo e transformador. Nesse sentido, o local privilegiado e oportuno para começar a mudança é a própria realidade latino-americana.

A América Latina e uma crítica à ideologia da exclusão

A consciência parida na experiência do outro diferente orienta uma nova práxis, demonstrando, assim, a construção de uma nova história. A consequência desta perspectiva é a formatação de um estado social democrático, livre, atuante e, acima de tudo, autônomo. A atuação do ser humano na história é como sujeito participante de uma fazer histórico que ocasiona a desalienação.

Como entender a América Latina, então? O sociólogo brasileiro Octávio Ianni afirma que a América Latina é um enigma, que possui uma série de nuances, as quais ele aponta. Diz ele:

Este é o enigma: a América Latina se configura como uma realidade geo-histórica, político-econômica e sócio-cultural complexa, heterogênea, contraditória e errática. A despeito dos diferentes nomes que tem recebido, ou ostente, continua parecendo volátil, atravessada por situações e acontecimentos que não cabem neste ou naquele conceito, ou que o extrapolam: América Latina, Ibero-américa, Indo-américa, Afro-américa, Hemisfério Ocidental, Nuestra América; depois de ter sido Índia Ocidental, Novo Mundo, Paraíso, Eldorado, América. Chamou-se América em homenagem a Américo Vespúcio, quem teve a clareza sobre o descobrimento que Cristóvão Colombo não soube nomear; descobrimento do continente que faltava no mapa do mundo, para compor os quatro con-

tinentes e a cartografia indispensável para a dinamização do mercantilismo e cristianismo, contribuindo assim para a gênese do ocidentalismo. São muitas as denominações com as quais se busca constituir esse “continente”. Multiplicam-se os nomes, no infindável esforço de taquígrafar e constituir um ente geo-histórico simultaneamente evasivo e evidente; que ainda parece tão incógnito que para ser nomeado precisa ser apontado com o dedo. Um ente simultaneamente real, rebelde e fugaz, sempre transbordando deste ou aquele nome; evadindo-o (2011: 7).

Um continente enigmático! Um laboratório de culturas e civilizações! Um labirinto! Um continente marcado por tantas fisionomias que chega ser difícil falar de um rosto em comum. Inventada pelo mercantilismo europeu para sua própria exploração colonial. Reconfigurada pelo processo de globalização neoliberal. Eis a América Latina! Enfim, um continente contraditório!

Diante desse contexto, como pensar a realidade latino-americana? Embora inúmeros atravessamentos constituem nossa peculiaridade, é fato que a marca de uma ideologia baseada na exclusão fomenta nossa realidade. A exclusão daqueles que ficaram sempre à margem das decisões e construções sociais.

A América Latina é o filho da mãe ameríndia dominada e do pai hispânico dominador. O filho, o outro, oprimido pela pedagogia dominadora da totalidade européia, incluindo nela como bárbaro, o *bom sauvage*, o primitivo ou subdesenvolvido. O filho não respeitado como outro, mas negado enquanto conhecido (1986: 210).

Imerso nessa perspectiva, o fazer filosófico dusseliano não está contida apenas em idéias e orientações rígidas, determinadas em um certo tempo. Sua concepção não é diacrônica, mas sincrônica. Isto é, em si possui uma dinamicidade, que se adequa e sofre constantes modificações históricas que busquem alcançar a autonomia das classes oprimidas.

Dussel afirma que,

[...] estrategicamente o que se deve alcançar é a libertação dos oprimidos em seu sentido forte e inequívoco; o que se deve buscar é a libertação das ‘classes trabalhadoras’, camponesas, operárias ou de qualquer outro tipo de trabalhador assalariado (1986: 244).

Quem seria o oprimido? Dussel responde:

O oprimido é o pobre na política (pessoa, classe, nação); a mulher na erótica machista; a criança, a juventude, o povo na pedagógica da dominação cultural. Todos os problemas e temas [...], assumem nova luz e novo sentido a partir do critério absoluto e contudo concreto (o con-

trário do universal), de ser a filosofia arma de libertação dos oprimidos (1986: 248).

Nesse processo de desalienação o outro não pode ser entendido como mero instrumento de realização de projeto libertador. O oprimido, enquanto outro, é em si um mistério e uma fonte de criatividade que transpõe toda e qualquer forma de objetificação, que visa enquadrar e formatar estereótipos que devem coadunar de acordo com o sistema vigente.

É inegável o fato de que em nossa atual conjuntura social reina o domínio do consumismo, do hedonismo e do relativismo. O ser humano, na maioria das vezes, é transformado em um objeto descartado e seus reais valores são espoliados, através da propagação da idéia do poder e do ter como as bases fundamentais da vida e de todo e qualquer relacionamento. Ter e poder configura-se como via indelével para uma melhoria de vida.

A “máquina” produtiva do neoliberalismo cria uma dinâmica social que prima o lucro, efetivando um “excedente social”, que só acena com uma cidadania possível, quando é utilizado como peça de manobra, onde a sociedade parece ser uma enorme peça da engrenagem da manipulação.

Essa perspectiva, “cavou” um abismo ainda maior entre àqueles que podem e àqueles que ficam a mercê da benevolência; entre ricos e pobres; entre os países do norte e os países do sul; entre os desenvolvidos e os subdesenvolvidos; entre a maioria e as minorias; entre a direita e as esquerdas.

Esse processo ideológico excludente desmorona numa nova concepção que leva em consideração o clamor do excluído e não a voz impiedosa sobrepujante da produtividade econômica. A experiência do diferente adentra no campo da complementação e da revelação daquilo que a vida de cada um pode ser. Esse prisma esmaga a concepção individualista e egocêntrica que se tem da vida.

As várias formas de negação e exclusão só se tonificam quando sai de cena o companheirismo e adentra o egoísmo. Hoje, diante de tantas formas de exclusão deve-se ficar atentos as pseudo-solidariedade, isto é, formas de encontro com o outro que se dão apenas na esteira da assistência o objetivo maior é o lucro. Cria-se, desta forma uma “indústria da pobreza”, que assim como no passado, com a comercialização dos escravos, hoje se reproduz através da exploração da miséria humana, tendo o “social” como publicidade de Ong’s e políticos.

Há muita gente que se preocupa com a miséria hoje, contudo, sua preocupação é a camuflagem da real intenção de tirar proveito do sofrimento. Neste tipo de preocupação solidarizar-se com os pobres significa dar uma assistência imediatista que possibilite lucro.

Como contraponto a exclusão que encaminha a humanidade para um abismo de separação social, o reconhecimento do outro humano deve nos guiar para uma nova perspectiva de mundo, onde a solidariedade seja feita não por falsos moralismos, mas por uma consciência de que faço por que sou gente e o outro também é.

No desejo de viver sem a ambivalência e ambigüidade da vida, as pessoas e sociedades acabam criando uma fortaleza ou um muro em volta do seu mundo e projetando para fora os seus medos. Os inimigos, neste caso, não são outra coisa que a “encarnação” dos seus medos, os seus demônios interiores.

Em uma cultura de consumo, como a nossa, o desejo de viver uma vida humana sem se submeter aos limites e ambigüidades da vida humana faz pessoas e sociedades verem nos excluídos do consumo os seus inimigos. Pois, elas com os seus sofrimentos as fazem lembrar da sua condição humana e, com isso, os seus medos, inseguranças e sofrimentos que querem esquecer (Sung, 2001: 96).

Neste sentido, o outro convoca a reflexão leva também a prática. A contradição existente em nossa condição humana nos leva a perceber que mesmo entre os erros o que nos resta é a perspectiva de que o que somos e o que fazemos, necessariamente, partem e são executados por que acreditamos no outro (no humano) e não porque não nosso ego precisa ser massageado.

Considerações finais

Nesta conjuntura vive-se numa sociedade onde a exclusão social é peça da engrenagem que marginaliza àqueles que não co-dividem a distribuição do poder e da riqueza. Diariamente, reportagens, artigos e dados estatísticos revelam que no mundo mais pessoas vivem na faixa da pobreza, em contrapartida aumenta, também, o número daqueles que ficam milionários e bilionários (inclusive no Brasil). Entretanto, parece que estes dados não chocam. Por quê? Será que vivenciamos uma insensibilidade social frente ao fenômeno da massiva exclusão social? Ou será que não temos mais saída, restando-nos apenas o individualismo como proposta existência de uma vida.

Não cabe neste artigo responder tais questionamentos. Mas, a ideia é levantar questões que nos interpelem e removam de nossa reflexão uma atenção e práxis que vislumbre a vida humana como um valor absoluto em si. O valor inalienável da vida, bem como sua beleza que se dá na diferença é imprescindível para compreender a perspectiva do outro e da nossa realidade Latino-americana. Nada é tão radical na Filosofia da



Libertação que o respeito à vida. Vida concreta, plena, total em si mesma. É nela e para ela que devem convergir nossas ações e reflexões.

Faz-se mister observar que a Filosofia da Libertação enquanto pensar autóctone e crítico à ideologia da exclusão não postula um pensar baseado em assistencialismo. O acesso individual/comunitário a uma consciência crítica serve para empoderar as pessoas, ou seja, fazer com que elas sejam as donas de suas próprias histórias para serem as protagonistas das suas próprias existências.

Desta feita, cabe ao fazer filosófico e aos filósofos um importante papel neste processo: engajar-se no desvelamento dos mecanismos ideológicos através dos quais se produzem e reproduzem as legitimações ou invalidações das práticas sociais, que, como tais, mutilam ou excluem o outro de sua plena totalidade.

Por fim, aqui, fica mais um questionamento para mexer com nossa reflexão e práxis: até que ponto o que fazemos para ajudar aqueles que precisam não reforçar nossas ideologias de exclusão?

218



Referências Bibliográficas

BORNHEIM, Gerd A.

1980 *O Idiota e o espírito objetivo*. Porto alegre: Globo.

SUNG, Jung Mo.

2001 “Solidariedade e a Condição Humana”. In.: *Convergência*. Nº. 340. Ano XXXVI - Março.

DUSSEL, Enrique

1995 *Filosofia da Libertação: crítica à ideologia da exclusão*. São Paulo: Paulus (Coleção pesquisa & projeto).

1986 *Método para uma filosofia da libertação*. São Paulo: Loyola.

1980 *Filosofia da libertação: na América Latina*. São Paulo: Loyola; Unimep.

2011 “Una búsqueda del sentido (origen y desarrollo de una filosofía de la liberación)”. In.: <http://www.enriquedussel.org/txt/biografia.pdf>. (Acessado no dia 06 de set de 2011).

IANNI, Octávio

s.f. *Enigmas do pensamento Latino-Americano*. In.: <http://www.enriquedussel.org/txt/biografia.pdf>. (Acessado no dia 06 de set de 2011).

SOFISTE, Juarez

2005 *Filosofia Latino-americana: filosofia da libertação ou libertação da filosofia?* In.: Revista Ética & Filosofia Política (Volume 8, Número 1, junho).

Fecha de recepción del documento: 16 de enero de 2012

Fecha de aprobación del documento: 18 de marzo de 2012